

A SOCIEDADE DO CANSAÇO: UMA CRÍTICA

BENJAMIN PACCE¹; FERNANDO RODRIGUES DOS SANTOS²; ALICE NUNES SANTO³; FILIPE SILVEIRA ZOPPO; FERNANDO HARTMANN

¹ Universidade Federal de Rio Grande (FURG) - benjaminpacce@gmail.com

² Universidade Federal de Rio Grande (FURG) - f.rodriques@hotmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - alicenunessanto@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Rio Grande (FURG) - f.s.zoppo@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Rio Grande (FURG) - fernandohartmann37@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Sociedade do Cansaço é título do livro do filósofo Coreano Byung-Chul Han lançado em 2014. O livro permite grandes reflexões sobre a psicopatologia e a vida na sociedade em que estamos vivendo, ao postular que cada época caracteriza-se pela presença de enfermidades fundamentais.

Han (2014) aponta que o século passado foi marcado pelo paradigma da imunologia, em que existia a aversão ao que é diferente. Naquela época, a lógica do ataque-defesa era a mais presente. A reação imunológica se dá pela negatividade:

“O imunologicamente outro é o negativo, que penetra no próprio e procura negá-lo. Nessa negatividade do outro o próprio sucumbe, quando não consegue, de seu lado, negar aquele. A autoafirmação imunológica do próprio, portanto, se realiza como negação da negação. O próprio afirma-se no outro, negando a negatividade do outro” (HAN, 2014, pg. 13).

Já o início do século XXI caracteriza-se por uma época neuronal que doenças como a depressão, transtorno do déficit de atenção e da hiperatividade (TDAH), Síndrome de Burnout (SB) dentre outras, vem ganhando destaque.

O que define o paradigma neuronal de nossa época é o desaparecimento da alteridade, que é o elemento fundamental da imunologia. Hoje em dia, a alteridade cede lugar à diferença, a qual já não provoca uma violenta reação imunológica, pois existe a falta de uma substância que é da ordem do *estranho*. A mudança de paradigma na pós-modernidade gerou uma economia pobre em negatividades, em grande medida os adoecimentos neuronais de nosso século podem ser pensados como efeito de um excesso de positividade (HAN, 2014).

A violência viral segue dentro da lógica do sistema próprio-outro, mas já não é capaz de descrever enfermidades neurais como a depressão, TDAH e SB. Esse tipo de violência neural não faz parte de uma negatividade que ameaça o sistema, mas é uma violência imanente ao sistema (HAN, 2014).

O objetivo desta produção é apresentar as críticas feitas por Byung-Chul Han a sociedade contemporânea, e, enriquecê-las com o pensamento dos autores do presente texto na forma de um ensaio teórico. Este trabalho se justifica pela urgência em se pensar e refletir sobre os rumos da sociedade e as inter-relações dos seus membros para que se possa intervir para a construção de vidas mais saudáveis.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada é o ensaio teórico, seguindo a ideia de construção no por-vir, não delimitada a priori, deixando o próprio processo de pesquisa definir os caminhos pelo qual se segue a pesquisa, de acordo com a ideia de formatividade de Pareyson, vemos a pesquisa como “um tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer [...] é uma atividade na qual execução e invenção procedem *pari passu*, simultâneas e inseparáveis”[grifos do autor] (PAREYSON, 2001, pg. 25). Ademais, se pretende continuar o estudo sobre esse autor, esse livro e essa crítica para que possamos nos aprofundar e nos apropriar cada vez mais da teoria.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A teoria de Han seria uma possível explicação para os assustadores dados de 2017 da Organização Mundial de Saúde (OMS) que estima que mais de 300 milhões de pessoas no mundo sofrem de depressão, o que representaria por volta de 4,4% da população mundial (5,8% no Brasil). Os dados indicam que esses números estão aumentando (um aumento de 18,4% de 2005 à 2015) principalmente em países subdesenvolvidos; a depressão é uma das principais contribuidoras para o suicídio (OMS, 2017) que é responsável por 1,5% das mortes mundiais estando dentre as 20 maiores causas de morte e a segunda entre a faixa de idade dos 15 aos 29 anos. Já ansiedade é estimada a assolar a vida de 3,6% das pessoas no mundo (9,4% no Brasil), também tendo um aumento de 14,9% nos últimos anos (2005 à 2015) — é importante notar que é comum a presença de ambas doenças (comorbidade), logo os efeitos são mais devastadores na vida desses indivíduos.

Em seu desenvolvimento na questão do excesso de positividade, Han explicita que a sociedade disciplinar de Foucault, não dá mais conta de maneira suficiente o mundo contemporâneo. O alto nível de funcionamento que temos, em contraposição com o período imunológico, e as ideias amplamente expressas na sociedade de que tudo é possível, como, segundo Han, expressado de maneira muito rica pela frase “Yes, We Can”, nos leva ao esgotamento. Enquanto o corpo funciona bem com o avanço da medicina, faz com que o único local restante a sucumbir seja a alma, através da depressão, TDAH, SB, entre outras questões resultantes do que Han chama de Sociedade do Desempenho (HAN, 2014).

A Humanidade nunca esteve tão ativa antes, quando a crítica no século passado preocupava-se com uma passividade advinda de uma sociedade disciplinar, seguindo por essa lógica poderíamos pensar que a situação estaria melhor. Entretanto, Han mostra que a repressão saiu do externo para o interno, não mais é necessário que se tenha um mestre, pois o indivíduo é seu próprio mestre e escravo, a sociedade está ativa, porém ativa a tudo, atenta a tudo, mas é impossível olhar tudo com profundidade, e essa hiperatividade nos afasta do puramente humano, o ato contemplativo (HAN, 2014). Tudo se esvai, corre de um lado a outro sem permanecer, o sujeito não olha mais para si, para dentro. Está ao mesmo tempo preso e livre, vendo muito mas olhando nada.

Nos trabalhos psicanalíticos de Freud encontramos em larga escala teorizações baseadas em como a cultura e a sociedade influenciam na maneira como vivemos. Os excessos do nosso século, como o enaltecimento de trabalhadores que dedicam sua vida ao serviço laboral exaustivo, tem sua provável origem nas exigências

externas de mercado, que, em um dado momento, são internalizadas pelo sujeito. Essa incorporação interfere em várias instâncias da vida do sujeito, o qual torna-se cada vez mais exigente e punitivo, consigo mesmo e com o mundo. Na obra *O mal-estar na civilização*, Freud discorre sobre o conceito de Super-eu, que seria a principal instância psíquica responsável pela "vigilância interna", relacionando que, de acordo com sua teoria, "vimos igualmente como é possível entender a severidade do Super-eu, os reclamos da consciência. Ela simplesmente dá continuidade ao rigor da autoridade externa, a que sucedeu e que em parte substitui" (FREUD, 1930, pg. 97). Nesse sentido, é possível apreender o quanto somos dependentes das exigências externas à nós, pois mesmo quando pensamos ser sujeitos livres, nos deparamos com um controle interno que não conseguimos explicar, apenas tendemos à obedecê-lo.

Os escritos de Han (2014), nos permite fazer um paralelo com o que nos traz Freud (1930), visto que ambos focalizam às exigências impostas socialmente ao sujeito. Três reflexões surgem a partir da análise do *Modus Operandi* dessa pressa em produzir trabalho, saber, ciência e saúde: 1) por fazer com que cada um de nós viva em função de algo a ser realizado, como é possível pensar em uma vida contemplativa? Visto que o ócio é rechaçado da vida (chamando-o de preguiça) e o tédio evitado a qualquer custo, Han no final do livro altera a concepção de sociedade do cansaço para a busca de um novo tipo de cansaço, inspirado nas reflexões de Handke, um cansaço reconciliador, do não-fazer que seria a mais subversiva das ações: a inanição. 2) esse modo de viver gera angústia e vários outros sintomas que são *facilmente* diagnosticados e medicados; aqui cabe uma importante crítica à psiquiatria moderna, pelo viés da positividade, qualquer sofrimento psíquico deve (e é) rapidamente removido em para que tudo volte ao *normal* e a produção continue, talvez seja importante pensar as doenças neurais como sintomas das condições de vida na sociedade do cansaço, ao medicar estaríamos tirando o único ponto de fala de uma opressão silenciosa e que aflige milhares de pessoas (como apontado pelos dados da OMS). 3) a produção de ciência na sociedade do desempenho, nada tem de crítica, pois a demanda do mercado visa a reprodução, ou a produção em escala, o que importa é a quantidade de publicações, de citações e de dados confirmados, o espaço da crítica é reduzido a função da melhora da reprodução e não de mudança de paradigmas.

Segundo Habermas existiriam três tipos de conhecimento científico: empíricos-formais, histórico-hermenêuticos e crítico, o primeiro busca dominar a natureza, o segundo o domínio da sociedade e o terceiro a reflexão (MORIN, 2010). Morin ao pensar uma ciência com consciência estaria colocando a luz esses interesses geralmente ocultos.

4. CONCLUSÕES

Essa produção adquire o caráter de inovadora por propor uma reflexão do fazer. Ao contrário de uma mera reprodução irrefletida e descomprometida com a mudança social, se propõe a explanar uma ciência capaz de se voltar para si mesma, sem perder seu "caráter científico".

Por fim, gostaríamos de apontar a reflexão que Edgar Morin (2010) traz em "Ciência com Consciência"

“Parece que nos aproximamos de uma temível revolução na história do saber, em que ele, deixando de ser pensado, meditado, refletido e discutido por seres humanos, integrado na investigação individual de conhecimento e de sabedoria, se destina cada vez mais a ser acumulado em bancos de dados, para ser, depois, computado por instâncias manipuladoras, o Estado em primeiro lugar”

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Editora Companhia das Letras, 2011.

HAN, B.C. **A Sociedade do Cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

World Health Organization. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Geneva: World Health Organization, 2017.